

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL UNIFICADA CAMPOGRANDENSE – FEUC
FACULDADES INTEGRADAS CAMPO-GRANDENSES – FIC
COORDENADORIA DE EXTENSÃO, PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – CEPOPE
CURSO DE POS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL

MÁRCIA REGINA SANTOS DO NASCIMENTO

**PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL: UM
OLHAR SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS**

RIO DE JANEIRO
2019

MÁRCIA REGINA SANTOS DO NASCIMENTO

**PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL: UM
OLHAR SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do curso de Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica das Faculdades Integradas Campo-Grandenses (FIC), mantidas pela Fundação Educacional Unificada Campograndense (FEUC), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Especialista em Psicopedagogia Clínica

Orientador:

Professora Ma. Sheila Venancia da Silva Vieira

RIO DE JANEIRO
2019

Márcia Regina Santos do Nascimento

**PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL: UM
OLHAR SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica das Faculdades Integradas Campo-Grandenses (FIC), mantidas pela Fundação Educacional Unificada Campograndense (FEUC), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Especialista em Psicopedagogia Clínica.

Aprovada em 30 de setembro de 2019.

NOTA: 9

SHEILA VENANCIA DA SILVA VIEIRA – ORIENTADOR
Mestre em Diversidade e Inclusão/UFF
Faculdades Integradas Campo-grandenses (FIC)

LEANDRO CHASSE PINHEIRO – AVALIADOR
Mestre em Diversidade e Inclusão
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Pessoas com deficiência e representação social: um olhar sobre os livros didáticos

Márcia Regina Santos do Nascimento
Faculdades Integradas Campo-Grandenses – FEUC
Regina1313@gmail.com

Sheila Venancia da Silva Vieira
Faculdades Integradas Campo-Grandenses - FEUC
professorasheilavenancia@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo, levar a reflexão e quem sabe o interesse de outros a estudos mais aprofundados da importância de incluir nos livros didáticos desde o ensino fundamental, os principais símbolos de acessibilidades usados no Brasil. Com o intuito de levar a criança a conhecer desde o início as limitações do colega, mas mostrando que há a opção do mesmo ser incluído e fazer parte contexto de aprendizagem sem o olhar excludente. Assim como se aprende os sinais de trânsito e ao vê-lo nas ruas são logo identificados naturalmente. O mesmo poderá ocorrer também com os símbolos de acessibilidades. Entretanto para que tal desenvolvimento natural de orientação e mobilidade, ocorra na sociedade, entende-se que o melhor caminho é o aprendizado inicial, tendo como aliado os livros didáticos.

Palavras-chave: orientação & mobilidade, livro didático, acessibilidade

Abstract / Resumen: Este artículo pretende hacer reflexionar y quizás el interés de otros para estudiar más a fondo la importancia de incluir en los libros de texto desde la escuela primaria, los principales símbolos de accesibilidad utilizados en Brasil. Para hacer que el niño conozca desde el principio las limitaciones del compañero, pero que demuestre que existe la opción de ser incluido y formar parte del contexto de aprendizaje sin el aspecto excluyente. Al igual que uno aprende las señales de tráfico y al verlo en las calles, se identifica de forma natural. Lo mismo puede ocurrir con los símbolos de accesibilidad. Sin embargo, para que tal desarrollo natural de orientación y movilidad ocurra en la sociedad, se entiende que la mejor manera es el aprendizaje inicial, teniendo como aliados los libros de texto.

Palabra clave: orientación & movilidad, libros de texto, accesibilidad.

1. Introdução

O presente estudo pretende trazer para o centro do debate acadêmico, a importância de se trabalhar os símbolos de acessibilidade, sobretudo os relacionados à Orientação e Mobilidade para deficientes visuais, como conteúdos escolares desde o início da Educação Básica, vez que acreditamos que esse conhecimento pode impactar diretamente na sociedade, enriquecendo a maneira com que olhamos o outro e colaborando para a formação de pessoas menos preconceituosas e mais empáticas ao próximo.

O interesse em conhecer esses símbolos geralmente se manifesta quando as pessoas estão diante de situações que os exija. No entanto, partimos da hipótese de que se esse conhecimento fosse disponibilizado desde cedo pela escola, através dos livros didáticos, diversas barreiras, como o preconceito, poderiam ser superadas, os alunos com deficiência se sentiriam incluídos e os não deficientes valorizariam mais a diversidade. Buscando uma visão holística da falta de informação de forma escrita dos símbolos de acessibilidade nos livros didáticos, notamos a necessidade da abordagem desse tema tão pouco explorado pelas editoras. Sendo assim objetivamos essa pesquisa como um simples ponto inicial para que venha a despertar o interesse de outros acadêmicos com um olhar futurista e jogando fora o sentimento de impotência diante da realidade da falta de conhecimento desses símbolos nas séries iniciais.

Nosso interesse em refletir sobre a temática surgiu de um curso de Orientação e Mobilidade (OM), realizado por nós no Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, onde pudemos ver a necessidade de manifestar o senso de justiça, a imparcialidade, o respeito e a igualdade de direitos com o aluno cego e com os de baixa visão no ambiente escolar.

Para tanto, realizamos um estudo teórico, baseado em alguns artigos e autores com seus conceitos. Realizamos ainda a análise de alguns livros didáticos direcionados aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a fim de encontrarmos dados referentes aos símbolos de acessibilidade presentes nos mesmos.

2. Orientação e Mobilidade como conteúdos escolares.

A aprendizagem é um ato socializado. As crianças aprendem a partir da influência do meio em que vivem. Embora seja um ser único, a sua capacidade de construção do saber é

regida pelo meio sociocultural. De acordo com VYGOTSKY (1987, p. 152), “*a essência do desenvolvimento cultural consiste no choque das formas de condutas culturais desenvolvidas no meio social com as formas primitivas da própria criança*”.

Nesse sentido, buscando desenvolver conceitos respeitosos e que abata o preconceito para com as pessoas com deficiência, pensamos em levar para o campo das discussões a importância dessa inclusão dos símbolos de acessibilidade nos livros didáticos das séries iniciais do ensino fundamental, entendendo que tal estratégia configura-se como um direito dos alunos com deficiência que estão matriculados nas escolas regulares, vez que proporciona à criança estabelecer sua primeira relação com eles. Nessa direção, a Orientação e Mobilidade (OM) acontecerão de maneira natural, tendo em vista que os símbolos não serão mais novidade para o aluno. No instante que esses símbolos são apresentados ao mesmo, dar-se início a uma construção cultural de respeito a dificuldade do outro naturalmente. Orientação - é o processo de utilizar os sentidos remanescentes para estabelecer a própria posição e o relacionamento com outros objetos significativos no meio ambiente. (WEISHALN, 1990 apud MAZZARO, 2003, p. 17) e

- Mobilidade - a habilidade de locomover-se com segurança, eficiência e conforto no meio ambiente, através da utilização dos sentidos remanescentes. (WEISHALN, 1990 apud MAZZARO, 2003, p. 18)

A Orientação e Mobilidade auxiliam quanto aos procedimentos dos portadores de cegueira ou baixa visão. A cegueira é uma doença congênita ou adquirida. Entretanto, ela não impede a integração social dos portadores de estudar, trabalhar, passear quando são participantes do conhecimento da OM. Foi observado nos corredores, pátios e escadas do Instituto Benjamin Constant, como a orientação da segurança as pessoas devolvendo sua liberdade de ir e vir, com uma mobilidade segura.

Antes de adquirir tal conhecimento de Orientação e Mobilidade, entende-se que é necessária somente a boa vontade de fazê-lo, mas há técnicas de orientações básicas para tal ato de amor e que o professor com instrução didática pode transformar esse momento em um aprendizado para vida.

Segundo GARCIA (2003),

O desenvolvimento da orientação e mobilidade de pessoas com deficiência visual ocorre como de qualquer indivíduo, desde o nascimento. O que vai caracterizar a diferença é a necessidade das crianças cegas serem

estimuladas, o mais cedo possível, através dos sentidos remanescentes e da manipulação natural que ocorre nos momentos de troca, banho, alimentação e carinho, devendo portanto, iniciar no colo da mãe e no berço onde vai adquirindo ricas oportunidades de vivenciar espaços e movimentos. Portanto, pode-se considerar este momento como o início da construção de sua Orientação e Mobilidade. Nos programas de intervenção precoce já deverão ser incluídos para crianças com deficiência visual alguns procedimentos visando futuramente uma orientação e mobilidade independente. É importante salientar que nestes primeiros anos de vida, os pais são os principais mediadores nessa construção e deverão participar ativamente deste programa. Quando a criança começa a frequentar a escola, novas técnicas poderão ser introduzidas gradativamente serem incorporadas por ela, passando a fazer parte de seu dia a dia. Nesta fase, o mediador mais direto é o professor especializado, que em parceria com os pais e professores de classe comum ajudarão a criança a construir as bases necessárias para sua independência, não apenas na orientação e mobilidade, mas também nas atividades da vida autônoma e social.

Antes de iniciar o programa específico de orientação e mobilidade o professor deverá observar e avaliar de forma sistemática as habilidades e as dificuldades do aluno para planejar programas que levem à formação de conceitos e a saber o momento exato de iniciar tal programa e de que forma serão introduzidas as técnicas específicas de mobilidade.

Um dos aspectos importantes a serem considerados, tanto na observação como na avaliação formal, é a existência ou não de verbalismos utilizados pela criança com deficiência visual. Um verbalismo é o resultado de conceitos imprecisos ou vagos resultantes de experiência sensorial insuficiente. Neste caso a criança quando solicitada a descrever um conceito o faz adequadamente (verbalismo), mas não consegue aplicá-lo na prática. Por exemplo, se perguntarmos a um aluno até mesmo de escolaridade avançada, o que são linhas paralelas, ele descreverá corretamente, será capaz até de colocar duas linhas paralelas sobre a mesa; porém, se pedirmos para que ele ande paralelamente à parede não conseguirá fazê-lo, pela falta de oportunidade de transferir uma informação teórica para a prática, não incorporando o conceito. Conceitos inadequados do espaço físico da escola não possibilitam ao aluno andar livremente, por não dominar seu tamanho, saber encontrar pontos de referência, identificar peculiaridades da construção, como escadas, pisos, corredores, reconhecer formas geométricas dos ambientes o que dificultará a formação de mapa mental da rota a seguir inteirado com o ambiente. Para que o aluno com deficiência visual possa se movimentar de um ponto a outro, é preciso não apenas "ler" ou seguir rotas, mas esta alerta, orientado em relação ao seu destino, construindo mesmo involuntariamente, um mapa mental em constante mudança.

(GARCIA, 2003)

Joana Belarmino (2018) discorre sobre suas tentativas quando criança de “brincar de ver”, quando pulava em meio à fileira de pedras no quintal de sua casa, em que ver era sentir as pedras na face sem tocar nelas, mas com o tempo compreendeu que aquela forma de ver era um modo particular de enxergar as coisas à sua volta. Nesse quesito, penso que se faz necessário convencer a sociedade a parar de ‘brincar de ver’ com a inclusão e buscar seriedade em construir um conceito de acessibilidade sólido, incluindo os seus símbolos nos

livros didáticos para conhecimento de todos, assim como acontece com os símbolos da educação para o trânsito, já inclusos na maioria dos livros.

Joana Belarmino (2018) nos explicita ainda sobre sua difícil mudança acadêmica, quando deixou a escola especial, na qual tudo era organizado para suprir a necessidade do deficiente visual, onde era provida de materiais acessíveis, como livros em braile e tinha acesso à toda área da escola sem limites, para estudar numa escola regular, onde era praticamente excluída das atividades escolares. Segundo a autora, nesta última escola, não havia livros didáticos adotados para ela, realidade não muito diferente da que conhecemos atualmente. Como seria facilitador se cada livro didático escolhido pela escola viesse com alguns exemplares em braile! Assim como também os livros didáticos para criança sem deficiência visual viessem com os símbolos de acessibilidade visual!

A política nacional de inclusão entende que há muito a acrescentar em relação a programas específicos para atender as necessidades especiais do aluno com deficiência. Nesse contexto está a OM, que derrubaria algumas barreiras, caso viessem esclarecidas nos livros ou como temas transversais obrigatório nas escolas, fazendo com que o “ muro” da comunicação entre as pessoas com deficiência e as pessoas sem deficiência, descesse metros, pois através do conhecimento da OM, ambos se comunicariam com autonomia e respeito, perpassando a barreira do preconceito por falta do conhecimento.

Concordamos com GOLKMAN (1969), quando assim se posiciona:

(...) eu também acredito que apesar do que podemos crer ou esperar, uma grande maioria de crianças cegas nunca serão capazes de se locomoverem com independência, isto porque não receberam nenhum tipo de instrução de orientação e mobilidade ou porque a receberam de maneira insuficiente.

Tal observação vem reforçar a nossa proposta de se incluir nos livros didáticos das séries iniciais os conceitos de orientação e mobilidade, como caminho para a construção de mais autonomia e independência para os deficientes visuais.

Segundo PIAGET (1992), as relações entre crianças promovem a cooperação, justamente por se configurarem como relações a serem constituídas entre seres iguais. Nesse contexto, a OM, no momento da construção do conhecimento, trará um conjunto de cooperação nas relações interpessoais com um alto nível de socialização, fazendo com que o aluno com deficiência visual perceba a reciprocidade dos demais.

Desenho universal para a aprendizagem (DUA)

O desenho universal surgiu em 1999, nos Estados Unidos. O conceito Universal

Designer Learning (UDL), aqui traduzido como Desenho Universal para Aprendizagem (DUA). O DUA consiste em elaborar acessibilidade de todos, para um aprendizado sem barreiras. O DUA foi desenvolvido por David Rose, Anne Meyer e outros pesquisadores do Center for Applied Special Technology (cast) e apoiado pelo departamento de educação dos estados unidos, em 1999, em Massachusetts (cst udl,2006). A projeção de edifícios e espaços públicos pela arquitetura, baseada no conceito do design universal, de modo que todos possam ter acesso, sem qualquer limitação, foi a inspiração para o surgimento do DUA (NELSON, 2013)

A concepção do DUA é que todos os acessos de acessibilidade sejam iguais de forma a atender a todos eficientemente com olhar justo ao invés de pensar em formas diferenciadas quando assim for possível.

SOBRE O IBC – INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT – RIO DE JANEIRO

O Instituto Benjamin Constant, através de seu Departamento Técnico-Especializado, produz material didático e paradidático voltado à educação e lazer das pessoas com deficiência visual. Esse material é colocado à disposição não só dos alunos da Instituição, como também da comunidade de uma forma geral, uma vez que as obras são distribuídas gratuitamente para escolas e instituições que atendem esse público, em todo o País.

Para produzir os livros em Braille, os audiolivros e os materiais didáticos bidimensionais e tridimensionais, o IBC dispõe não só de profissionais especializados na área, como também de um parque gráfico e estúdio de gravação.

Ao atuar diretamente na produção desses materiais, o Instituto Benjamin Constant contribui para a formação acadêmica dos estudantes cegos e com baixa visão, assim como lhes proporciona o acesso à cultura e o lazer de qualidade.

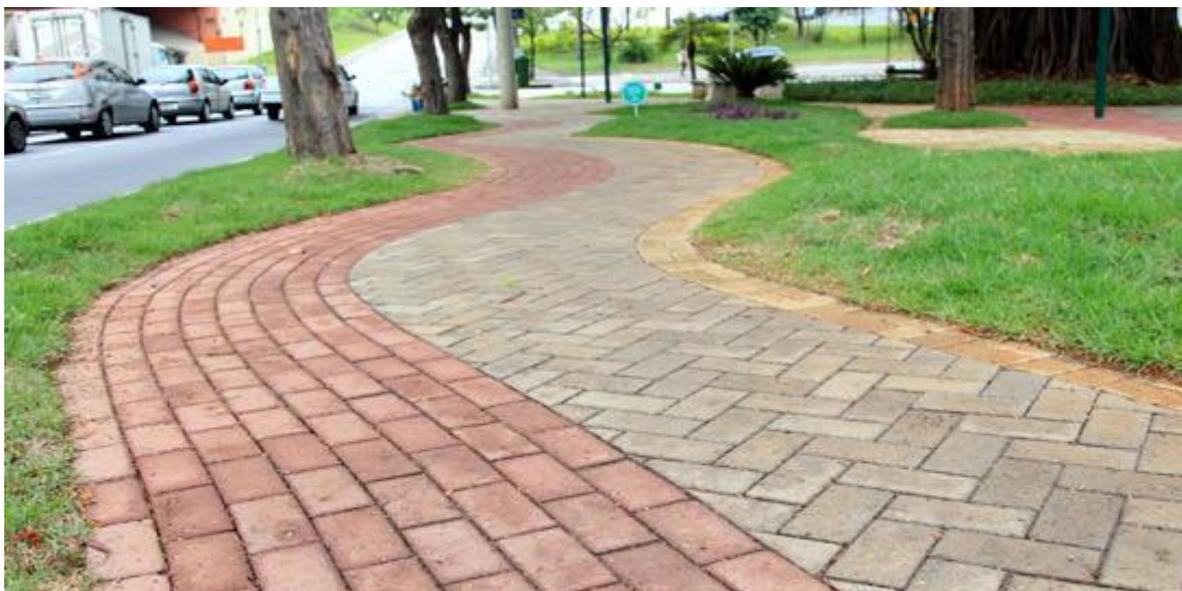
Analisando as informações acima, pensamos como seria importante se o direito de ir e vir das pessoas cegas e de baixa visão fossem implantados não só em base de leis, mas em base cultural, através de conhecimentos prévios estabelecidos no currículo escolar, onde os alunos seriam desapropriados dos hábitos de uma vida regulada só com os “iguais”, aprendendo a conviver com dificuldade do outro.

Símbolos para Pessoas cegas no trânsito

O conceito das calçadas táteis – como são chamadas. Elas dizem para parar – porque tem uma rua a frente. E depois de cruzar a rua, avisam que pode relaxar, porque já chegou ao outro lado e está em território seguro.

No Brasil, os pisos táteis já existem há algum tempo. A NBR 9050 apresenta estes produtos desde o ano de 2004. Porém seu conhecimento é relativamente novo, persistindo muito que fazer para melhorar a acessibilidade no Brasil. A regulamentação da obrigatoriedade do seu uso normalmente é feita no município e de forma independente.

Foto 1: Pisos táteis



Fonte: Google imagens

A Educação da OM na escola deve, portanto, promover o desenvolvimento do aluno de forma sistemática, com conteúdo desde a pré-escola, através de projetos de forma lúdica para que traga satisfação no aprendizado e também por meio de discussões, campanhas em toda a escola, principalmente, sensibilização em todo o corpo docente.

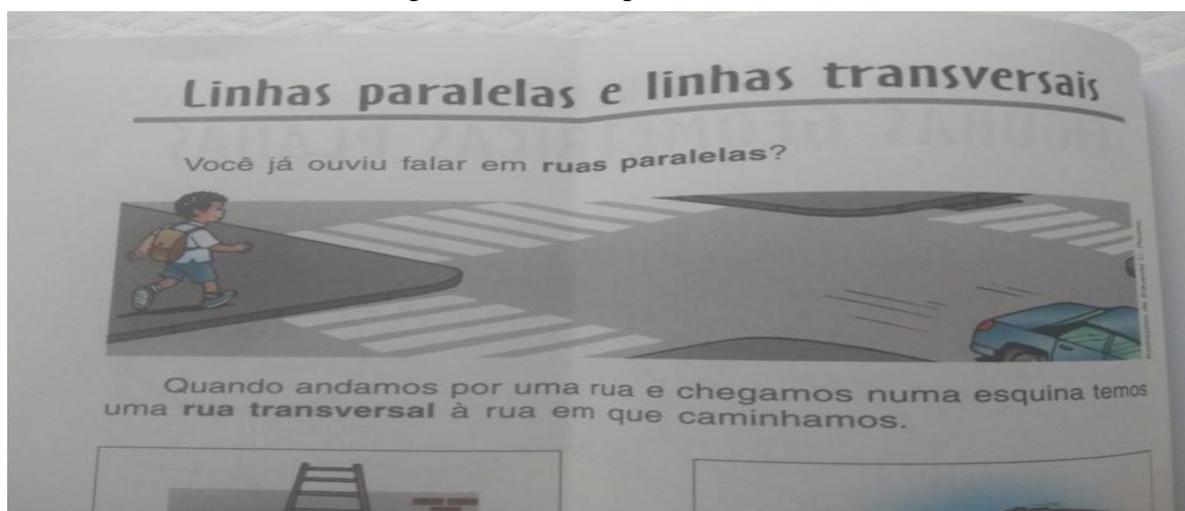
Resultados e Discussão

Sobre esse aspecto, empreendemos uma pesquisa em alguns livros didáticos em busca de alguns símbolos de acessibilidade em que as práticas pedagógicas fossem viabilizadas de forma clara e objetiva, contextualizada na metodologia aplicada. Tal fato faria com que o aluno internalizasse atitudes de empatia a partir do conhecimento adquirido em sala de aula, entendendo a importância que a acessibilidade tem para os que a utilizam, mas de maneira natural como se aprende uma criança.

Inicialmente observamos três livros didáticos da rede pública municipal do Rio de

Janeiro. No primeiro como demonstrado na foto abaixo, perde-se uma grande oportunidade de expor as rampas e os pisos táteis. A figura mostra as linhas paralelas e as transversais, ambas para pessoa sem deficiência, esse processo natural que os livros didáticos trazem de maneira menos significativa em relação a acessibilidade vem marcar essa trajetória de total cegueira em relação a acessibilidade como pauta nos eixos da educação infantil. Entretanto, se exposto a primeira figura com a segunda figura em uma só, ter-se-ia um duplo aprendizado com uma pluralidade de formas desenvolvidas pelo professor.

Figura N°2: linhas paralelas e transversais



Fonte: Registro feito pela autora do livro Coleção e Recreação 3ª série PNLD 2007p.94

Figura N°3: Piso tátil



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Piso_t%C3%A1til

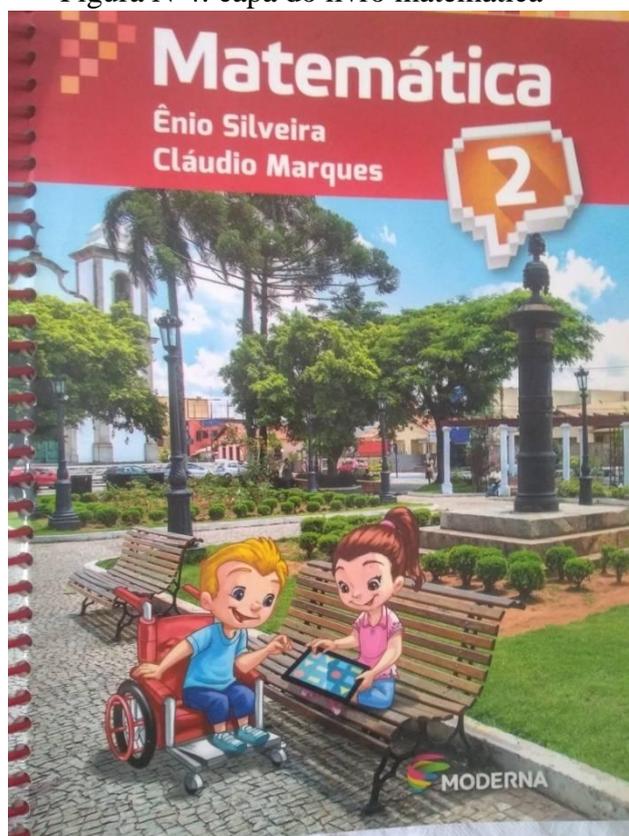
A apropriação dos símbolos de acessibilidades para cegos e baixa visão dentre outras

habilidades, afina o relacionamento interpessoal em dimensões comunicacionais, sociais, educacionais, culturais, afetivas, profissionais etc. Isso porque tais pessoas precisam dessa mediação para com a outra.

A despeito dos outros dois livros pesquisados não foi encontrado nenhum símbolo de acessibilidade ou referência a ela. São eles: geografia 3ª série IBEP, PNLD 2007 e História 3ª série IBEP, PNLD 2007.

Finalmente depois de algumas pesquisas consegue-se encontrar em uma editora algumas atividades aonde a acessibilidade é incluída nos volumes 2 e 3 que correspondem as séries segunda e terceira da EDI. Este livro foi aplicado em uma escola particular na zona oeste do Rio de Janeiro. Explicitaremos nossa observação a partir de cada figura abaixo.

Figura Nº4: capa do livro matemática

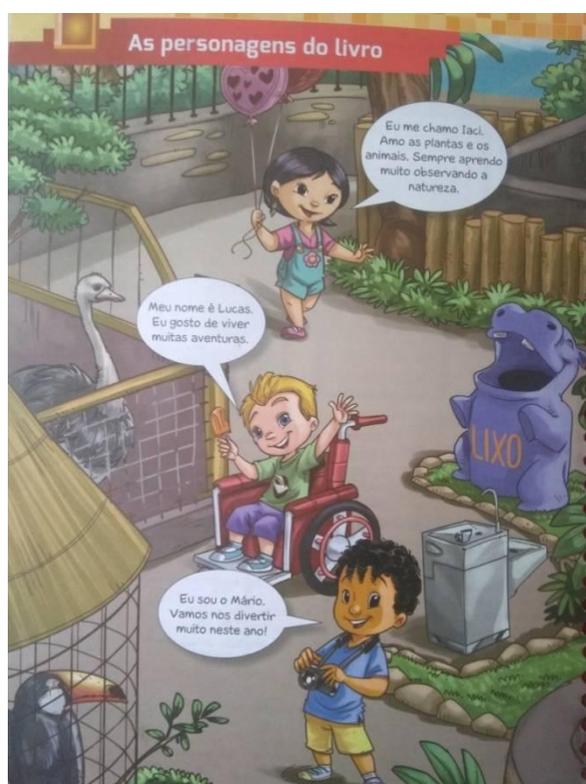


Fonte: Registro realizado pela autora do livro Matemática / Ênio Silveira, Cláudio Marques.-4.ed- São Paulo : Moderna, 2015

O livro inicia sua apresentação , dizendo que embarcariamos numa viagem fantástica pelo mundo da matemática, mas na verdade o que tivemos foi uma deliciosa surpresa ao ver algumas figuras de acessibilidade. A figura de nº1 é a capa do livro, a qual mostra uma

criança sentada na cadeira de roda , interagindo com outra que esta sentada no banco da praça. Apesar de não ter como ver ao redor da praça , entendemos que sua mobilidade tenha sido tranquila.

Figura Nº5: contracapa do livro de matemática



Fonte: Matematica / Ênio Silveira, Cláudio Marques.-4.ed- São Paulo : Moderna, 2015

A figura nº5 vem viabilizar a mesma criança passeando no zoológico e interagindo com os animais. Aqui comparece justamente a idéia de cooperação entre eles em relação ao critério usado de reciprocidade, o que significa olhar para o outro entendendo que cada indivíduo tem diferentes necessidades sem padronização dos comportamentos e que a mútua cooperação da dignidade pessoal , respeito pelo o outro enriquece a participação social da criança, fazendo com que isso ocorra naturalmente.

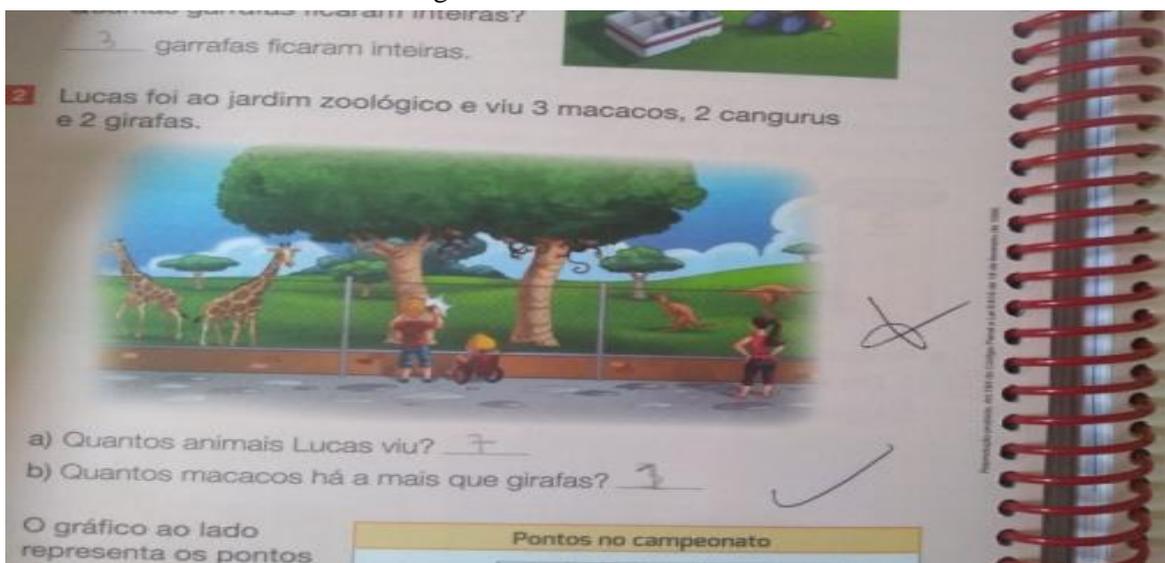
Figura N°6: livro de matemática



Fonte: Matematica / Ênio Silveira, Cláudio Marques.-4.ed- São Paulo : Moderna, 2015

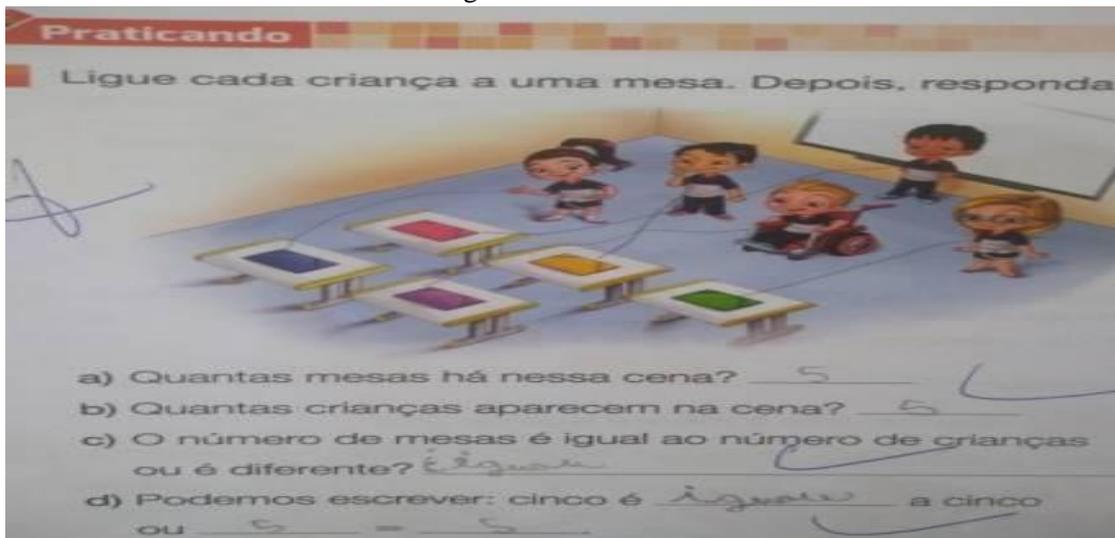
A figura nº6 - Sobre essa além da atividade proposta pode-se trabalhar também a inclusão tendo como proposta a mobilidade do aluno dentro da quadra de basquete. Assim como a figura 7 e 8 abaixo.

Figura N°7: livro matemática



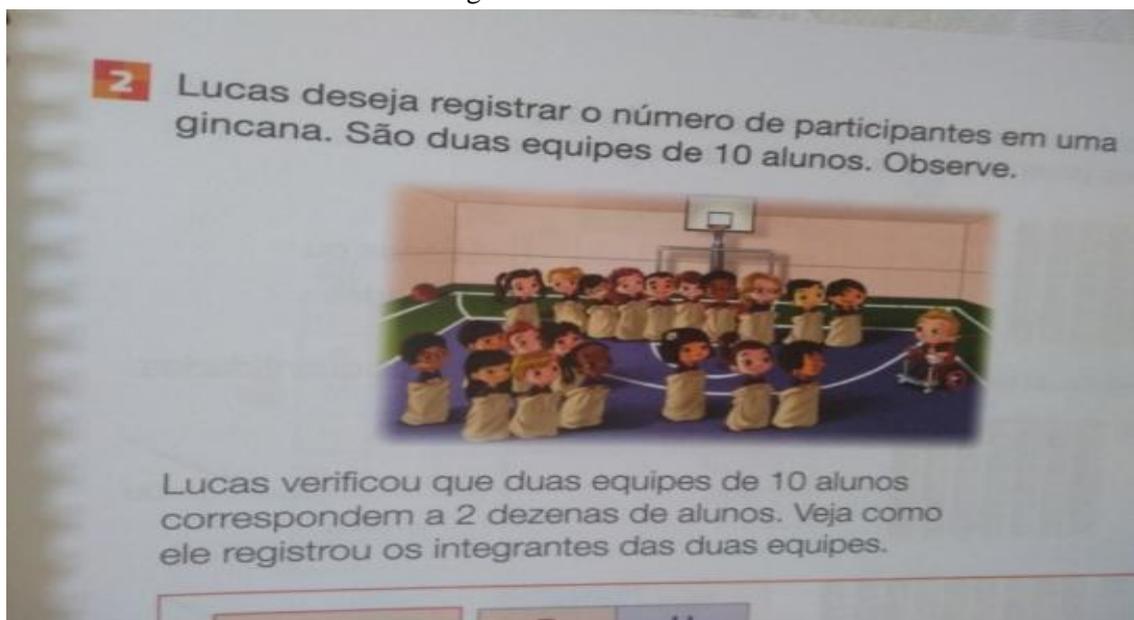
Fonte: Matematica / Ênio Silveira, Cláudio Marques.-4.ed- São Paulo : Moderna, 2015

Figura N°8: livro de matemática



Fonte: Matematica / Ênio Silveira, Cláudio Marques.-4.ed- São Paulo : Moderna, 2015

Figura N°9: livro de matemática



Fonte: Matematica / Ênio Silveira, Cláudio Marques.-4.ed- São Paulo : Moderna, 2015

Com respeito a figura nº9 , nota-se que o aluno cadeirante foi incluído na brincadeira de acordo com as condições de sua mobilidade, deu-se uma tarefa de juiz ou observador para com os participantes.

Até então nessa edição do livro , encontramos essas figuras que nas quais nos lembram a acessibilidade e mobilidade , entretanto de forma muito rasa mas que com um planejamento pode-se trabalhar vários conceitos de inclusão.

Por fim na edição do 3º ano do livro de Geografia na pagina 136, encontrei uma atividade em que o tema proposto era: o mundo que queremos. Acessibilidade para ir e vir. Nessa página abaixo (figura nº10) vemos a explicação do que é acessibilidade, o direito de todas as pessoas de ir e vir com deficiência ou mobilidade reduzida. Nela estão algumas imagens de pessoas cadeirantes no meio de transporte, tanto nos ônibus quanto nos trens. Também mostra a importância das rampas e elevadores, todos com seus símbolos para leitura individual.

Figura nº10: livro de geografia



Fonte: projeto Burity: geografia/organizador Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. 4.ª ed. São Paulo: Moderna, 2017.

Igualmente, na página seguinte encontrei o que procurava atividades que levam o aluno a pesquisar e refletir sobre os símbolos de acessibilidades no local aonde moram. Nela está uma imagem de uma pessoa com deficiência visual acessando um sinal de trânsito para

atravessar a rua. Que ideia fantástica de aplicação de conteúdo em sala de aula. Se formos pensar de que maneira lúdica poderíamos aplicá-la, teríamos inúmeras formas de expor esse aprendizado riquíssimo.

Considerações finais

O propósito deste trabalho foi destacar a relevância de como é importante a inclusão dos símbolos de acessibilidade no contexto dos livros didáticos para que o aluno tenha o contato desde as séries iniciais e venha a desenvolver atitudes de alta normalidade mediante a uma situação em que precise ajudar o outro sem o sentimento preconceituoso ou até mesmo de vergonha se a necessidade for dele próprio.

Porem no final dessa pesquisa conclui-se que há menos informação nos livros do que esperase e que sendo assim perde-se o momento de incluir na base do conhecimento infantil uma proposta de quebra de barreiras e elevação da integração das crianças portadoras de deficiência de maneira natural. A extensão dessa pesquisa poderá levar uma gama de conhecimento a população estudantil e também aos docentes que ao trabalhar esses conteúdos terão o olhar avaliativo mais apurado para o tema da acessibilidade.

Se há um desejo de promover a inclusão social de forma natural e de firma-la como um instrumento extremamente importante para que se construa uma sociedade igualitária ainda acredito que um dos caminhos seja a transmissão dos conhecimentos nas séries iniciais através dos livros didáticos

Referências

http://www.ibr.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/2000/edicao-16-agosto/Nossos_Meios_RBC_RevAgo2000_RELATO.pdf

<http://portal.mec.gov.br/par/192-secretarias-112877938/seesp-esducao-especial-2091755988/12666-orientacao-e-mobilidade-conhecimentos-basicos-para-a-inclusao-da-pessoa-com-deficiencia-visual>

<http://falandoemandandobrazal.blogspot.com/2010/04/o-artigo-5-da-constituicao-federal.html>

BARRAGA, N.C. Utilização da visão residual por adultos com graves deficiências visuais. In:

ASSEMBLÉIA MUNDIAL PARA O BEM ESTAR DOS CEGOS. São Paulo, 1997. *Increased visual behavior in low vision children*. New York: American Foundation for the Blind, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Formação de Professor: orientação e mobilidade*. Brasília: SEESP/MEC, 2002.

BLASCH, B.; WELSH, R.; DAVIDSON, T. Auditory maps: in orientation for visually handicapped persons. *The new outlook for the Blind*. v.67, n.6, p.145-158, 1993.

BUENO, G.A. Formação de conceitos na cegueira de nascença. *Revista Lente*, São Paulo. V.17, n.47, p.20-29, 1976.

COLL, C; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. *Desenvolvimento psicológico e educação. Necessidades Educativas Especiais e a Aprendizagem Escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

CRATTY, B. *Inteligência pelo movimento*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1975.

SAMS, TA. The body image of Blind Children. *New York: American Foundation for the Blind. Research Bulletin*, n.17, Jul. 1983.

DE MASI, I., *Fatores que influem na baixa absorção no mercado de trabalho*. Dissertação de Mestrado, Universidade Mackenzie, São Paulo, 1996.

ELKONIN, D. B. *Psicologia do jogo*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FANJUL, A .S.R., *Orientación y movilidad en personas ciegas*, Dirección General de Educación Especial, México, D.F, 1983.

FAYE, E.; BARRAGA, N.C. *The low vision patient*. Grune e Stratton, 1985.

FRAIBERG, S. *Niños ciegos*. Madri: Imprenta Fareso. 1989.

GARCIA, N. *Programas de Orientação e Mobilidade no processo de educação da criança portadora de cegueira*. Tese de doutorado, FEUSP/SP, 2001.

GREGORY, R.L. *Olho e Cérebro: psicologia da visão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

HAPEMAN, L. Developmental concepts of blind children between the ages of three and six as they relate to orientation and mobility. *International Journal for the education of the Blind*. v. 27, n.3, 1996.

HARLEY, R.K. *Verbalism among blind children*. New York: American Foundation for the Blind. (Reach Series, 10), 1994.

HILL, E. W.; PONDER, P.T. *Orientation and Mobility: a guide for the practitioner*. New York: American Foundation for the Blind, 1986. *The formation of concepts involved in body*

position in space. Education of the visually handicapped. 1997. p.2.The formation of concepts involved in body position in space. Education of the Visually Handicapped. v. 12, n.2, 1970.

HUSLAN, A.; PECK, M. Mobility and concept development for blind children. Low Vision Abstracts, v.4, n.3, 1994.

HUERTAS, J. A.; OCHAITA, E. Diferentes procedimientos de externalización de la representación espacial: un estudio evolutivo con niños ciegos. Estudios de Psicología, 1992.

KIRK, S.A.; GALLACHER, J.J. Educação da criança excepcional. São Paulo: Martins Fontes, 1987. Orientation and mobility techniques. New York: David McKay Company, 1980.

LE BOULCH, J. Educação psicomotora. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
O desenvolvimento psicomotor desde o nascimento até os seis anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

LORA, T.D.P. O professor especializado no ensino de deficientes visuais: um estudo centrado em seus papéis e competências, Tese de Doutorado, FEUSP/SP, 2000.

LOWENFELD, B. Our blind children, growing and learning with them. Springfield: Charles C. Thomas Publisher. 1977.
The visually handicapped child in school. New York: The John Day Company. 1978

MACHADO, E.V. O vídeo como mediador da comunicação escolar. Tese de Doutorado, FEUSP/SP, 2001.

MELO, H.F.R. Deficiência Visual- Lições Práticas de Orientação e Mobilidade. Ed.UNICAMP/ SP, 1991.

PIAGET, J. Problemas de psicologia genética. Lisboa: 1983.

PATHAS, J. Vision a component of locomotion. Physiotherapy. October, 1992.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. O deficiente visual na classe comum. São Paulo, SE/CENP, 1993.

SCHEFFER, W. Orientation and Mobility - Special Education. San Francisco State University, 1995.

SUTERKO, S. Practical problems of orientation and mobility. Social Rehabilitations Services for the Blind. Charles C. Thomas Publisher, 1973.

VAYER, P. El diálogo corporal. Barcelona: Editorial Médico Científico, 1996.

VYGOTSKY, L. S. La imaginación y el arte en la infancia - ensaio psicologico. España: Akal editor, 1982.

Apud MORENZA, L. Mesa redonda pedagogia 1999. Textes de base en psychologie. Paris: Delachaux & Niestlé S. A., 1985. História del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Havana: Editorial Científico Técnica, 1987.

LURIA, LEONTIEV. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 5- ed. São Paulo: ícone, 1998.

A Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

WARREN, D.H. Blindness and early childhood development. New York: American Foundation for the Blind, 1984.

WEISHALN, R. Orientation and mobility in the blind children. New York: Englewood Cliffs, 1990.

WELSH, R.L.; BLASCH, B.B. Foundations of orientation and mobility. New York: American Foundation for the Blind, 1980.

WHITEMAN, M.; LUKOFF, I. A factorial study of sighted peoples attitudes toward blindness. Journal of Social Psychology. n.64, p.339-353, 1982.

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-13722015000200008

acessado em 15/12/2018

BRASIL.2015. Lei 13.146, 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, Presidência da Republica Casa Civil, 31p.

Matematica / Ênio Silveira, Cláudio Marques.-4.ed- São Paulo : Moderna, 2015

Buriti: geografia/organizador Editora Moderna;obra coletiva concebida,desenvolvida e produzida pela Editora Moderna."_4.ed_São Paulo: Moderna,2017.